

EIXO TEMÁTICO 1 | ESTADO, MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS

JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE: entre resistências, lutas sociais e estratégias de transformação

YOUTH IN CONTEMPORANEITY: between resistances, social struggles, and transformation strategies

Amanda Nathalia Pinho Andrade¹

Pedro Luiz Costa Ferreira Junior²

Maria Aparecida Milanez Cavalcante³

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da compreensão das juventudes em contexto de crise capitalista, destacando suas múltiplas transformações sociais, políticas e culturais nas lutas de classes. Enfatiza a heterogeneidade das juventudes, sua condição na sociedade em relação à classe, gênero, raça/etnia. Discute, também, a atuação dos/as jovens como sujeitos sócio-políticos nas lutas sociais, utilizando estratégias inovadoras, como a mobilização dos coletivos juvenis através das mídias digitais e o papel destes na defesa de pautas sociopolíticas e econômicas, de educação, de diversidade sexual, de antirracismo, antimachismo e anticapitalismo.

Palavras-chave: Jovens; coletivos/as juvenis; mídias digitais.

ABSTRACT

This work addresses the importance of understanding youth in the context of capitalist crisis, highlighting their multiple social, political, and cultural transformations in class struggles. It emphasizes the heterogeneity of youth, their position in society regarding class, gender, race/ethnicity. It also discusses the role of young people as socio-political subjects in social struggles, using innovative strategies such as mobilizing youth collectives through digital media and their role in advocating for socio-political and economic agendas, including education, sexual diversity, anti-racism, anti-sexism, and anti-capitalism.

Keywords: Youth; juvenile groups; digital medias.

¹ Universidade Federal do Pará. Graduanda em Serviço Social Pela UFPA. Email: amandanathaliaan@gmail.com

² Universidade Federal do Pará. Graduando em Serviço Social Pela UFPA. Email: pedroferreirajr13@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará. Assistente Social. Docente da Faculdade de Serviço Social da UFPA. Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí. Email: milanez@ufpa.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo contextualiza a importância de compreender as dinâmicas das juventudes na contemporaneidade, inseridas em um cenário marcado pelos processos de exploração e expropriação do capitalismo e suas crises sistêmicas. A partir de uma análise crítica discute-se a heterogeneidade das experiências juvenis, permeadas por interações de classe social, gênero e raça/etnia. Entende-se que a juventude não é um conceito homogêneo, mas sim um conjunto de relações e experiências multifacetadas, influenciadas por diferentes determinantes sociais.

O artigo aborda a importância dos contextos de classe, gênero, raça/etnia e outros aspectos relevantes na construção das experiências juvenis. Destaca-se a influência desses contextos na percepção das oportunidades e desafios enfrentados pelos jovens, bem como na perpetuação das desigualdades sociais.

Discute-se, também, o papel dos movimentos sociais juvenis, destacando sua dinâmica descentralizadas e adaptável aos contextos contemporâneos e a importância da atuação dos/a coletivos/a como sujeitos sociais nas lutas de classes, cujas ações visam não apenas demandas específicas, mas também colocam também na cena política, pelo lugar de classe social que pertencem, os conflitos de classes, as desigualdades produzidas, as violências sobre os segmentos juvenis, especialmente os/as jovens negros/as. Esse contexto, produz discursos e disputas sobre a ações Estado e Sociedade que envolve as juventudes e a formulação de políticas públicas.

Portanto, nossa perspectiva de análise é orientada pelo método crítico dialético, a fim de compreender os novos desafios e demandas, assim como formas de intervenção no contexto das grandes transformações sociais em curso, resultantes do processo de reestruturação produtiva do capital, sob hegemonia do capital financeiro, e de renovação conservadora.

A metodologia envolveu um levantamento realizado por pesquisadores e bolsistas de iniciação científica da Universidade Federal do Pará (UFPA) utilizando páginas do *Instagram* para identificar as diversas pautas abordadas pelos coletivos juvenis presentes na rede social. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos relacionados ao tema de pesquisa. A partir da leitura crítica desses artigos, foram extraídas informações relevantes para a elaboração do trabalho científico.

2 JUVENTUDES E LUTAS SOCIAIS: A BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO

Discutir as juventudes traz à tona a importância de se entender que estes sujeitos estão inseridos historicamente na contemporaneidade sob as determinações do capitalismo globalizado e suas crises sistêmicas. Deste contexto, observa-se que os/as jovens são marcados/as por mudanças sociais, econômicas e políticas profundas que estão intrinsecamente ligadas às expressões da questão social, entendida por Iamamoto (2000) como “o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura”, no qual resulta em um aumento significativo daqueles que não tem acesso à educação, saúde, cultura, lazer e trabalho.

Nesse sentido, ser jovem significa estar imerso em um conjunto de relações e experiências, que vai muito além da definição etária e geracional, como analisam Cavalcante e Teixeira (2023, p.5), em que:

(...) implica numa dimensão de heterogeneidades e certas homogeneidades entre os grupos pela vivência de situações comuns. As mediações determinantes de classe social, gênero e raça/etnia interagem e se codeterminam com as dimensões biológicas e etárias, formando os nós sobre os quais incidem maiores desigualdades no modo de vivenciar essa etapa da vida.

Ademais, é necessário entender, ainda, sua posição de classe social, vínculos, interações e ocupações, abandonando a visão mítica, homogênea e estática de juventude no singular. Portanto, as juventudes, como já mencionado, são heterogêneas e não há um acordo universal ao discuti-las, tendo em vista que existem múltiplos conceitos e significados atribuídos a elas, e para compreendê-las verdadeiramente faz-se necessário enxergar esse segmento, inscrito nas relações concretas da sociedade de classes, e que sobre elas têm recaído construções histórica e cultural, também em torno da disputa acerca do seu significado. Sem dúvida, são constituintes das classes, inserida em um contexto social mais amplo, com determinações de classe, gênero, raça/etnia, que tensionam a sua condição juvenil, na qual esses fatores têm um impacto direto na jornada de vida dos/as jovens.

Entende-se, então, que as oportunidades, em acepção positiva e política do termo, isenta da análise de luta de classes e da heterogeneidade das juventudes, em particular, reforçam a concepção liberalizante e individual, em que centra o indivíduo como sujeito que aproveita oportunidades, instituídas pelo Estado e sociedade ou construídas por ele mesmo,

positivando as regras dominantes de meritocracia, neutralizando o antagonismo social de classes e as desigualdades sociais dele resultante.

À vista disso, segundo Abramo (2005), a experiência da juventude é moldada pelo contexto social em que se encontram, sendo influenciada pela situação em termos de classe, gênero, raça/etnia, renda e outros aspectos relevantes. Logo, em uma sociedade onde essas distinções são bem marcantes, as vantagens são mais evidentes para jovens brancos, homens e de classe alta em comparação com jovens negros, mulheres e de “classes subalternas” (Gramsci, 2002). É importante destacar, também, que essas diferentes situações não são independentes, sofrem entrecruzamentos, criando realidades difíceis e desiguais para as juventudes.

Concomitante a isso, Gramsci (2002) afirma que as reflexões sobre a condição de subalternidade estão intrinsecamente ligadas às relações entre o Estado, a sociedade civil e a hegemonia, esta última que se refere à capacidade de uma classe dominante ou grupo social estabelecer sua visão de mundo como a visão preponderante na sociedade. Ainda para o autor, “os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem: só a vitória 'permanente' rompe, e não imediatamente, a subordinação” (Gramsci, 2002, p. 135).

Destarte, para Gramsci (2002) a classe dominante mantém sua hegemonia por meio da coerção e da força e, também, pela aceitação voluntária das ideias e valores dessa classe pelas classes subalternas. Esse consentimento é muitas vezes influenciado pela cultura, educação e mídia, que desempenham um papel crucial dessa hegemonia de uma classe sobre as outras. Logo, o Estado, um dos espaços onde a dominação se manifesta claramente, é um instrumento que atua de forma planejada para consolidar essa hegemonia, exercendo pressão, incitando, solicitando e punindo conforme necessário.

Nesse sentido, o Estado, entendido por Gramsci (2002) como uma entidade não neutra ou imparcial, é uma ferramenta fundamental para a reprodução dos interesses das classes dominantes, criada e moldada pelo Estado burguês, que estabelece as bases para a consolidação de uma visão de mundo que legitima e perpetua a hegemonia dessas classes. Isso implica em novas formas de pensar sobre direito, política, economia, educação e ética, construídas dentro desse contexto, que refletem e reforçam as relações de poder existentes na sociedade.

Desse modo, essa hegemonia das classes dominantes se manifesta na construção e perpetuação de estereótipos negativos sobre os jovens, são, muitas vezes, rotulados como indivíduos problemáticos e associados a questões como violência, criminalidade e comportamentos inadequados. Essas percepções, conforme discutido por Esteves e Abromovay (2007), criam uma narrativa que vincula a juventude à ideia de ameaça social e delinquência, sugerindo que a condição de ser jovem está intrinsecamente ligada ao desvio e à contravenção, colocando em risco não apenas sua integridade como também a segurança e moralidade da sociedade como um todo.

Além disso, falar sobre juventudes requer, ainda, discutir o papel fundamental dos jovens nas lutas sociais, estes que são frequentemente agentes ativos de mudança e transformação na sociedade. Suas participações em movimentos sociais, protestos, atividades políticas e iniciativas de engajamento cívico indicam indivíduos cada vez mais conscientes e ativos na construção de uma sociedade democrática. Diante disso, Novaes (2002) vem falar que

Os jovens de hoje querem ser diferentes, pessoas visíveis. Em outras palavras, o sucesso da ação por eles proposta está relacionada com a assunção das diferenças sociais, com o desejo de transformar sentimentos pessoais e com a eficácia da visibilidade de sua presença (Novaes, 2002, p.53).

Logo, considerando a diversidade dos espaços de participação juvenil e sua intensa interação com o sistema democrático, torna-se crucial compreender suas lutas sociais não apenas como expressões de conflito por interesses socioeconômicos e políticos, mas também como manifestações de uma busca pela emancipação humana e pela superação das classes sociais. Nessa lógica, para Gramsci (1987) essa superação só é possível

[...] a medida em que consegue criar um sistema de aliança de classes, que lhe permita mobilizar, contra o capitalismo e o Estado burguês, a maioria da população trabalhadora – o que significa, dadas as reais relações de classes existentes, que o proletariado pode se tornar classe dirigente e dominante na medida em que consegue obter o consenso das amplas massas. (Gramsci, 1987, p.139).

Portanto, segundo Gramsci (2002), a transformação desse cenário e a busca pela plena unidade implicam em uma ampla batalha que requer, em primeiro lugar, uma análise crítica interna, alcançada por meio de um embate entre diferentes hegemonias políticas e direções contrastantes, começando pelo campo ético e avançando para o político, culminando em uma compreensão mais elevada da própria realidade. Para Gramsci (2002)

“É necessário dismantellar o discurso racional burguês que se baseia na superficialidade e no pragmatismo dos fenômenos sociais, e reconstruir as práticas

sociais de maneira inovadora, transformando-as em algo concretamente pensado e vinculando-as a uma nova visão de mundo” (Gramsci, 2002, p.103).

Nesse contexto, a luta de classes emerge como elemento central, pois é por meio dela que se articulam as contradições e antagonismos que impulsionam a transformação social e a emancipação humana.

Ademais, é válido ressaltar que essas lutas sociais não se restringem apenas às questões políticas, mas também abrangem temas relacionados à cultura, identidade, sexualidade e saúde mental. Dessa maneira, os jovens têm se destacado na defesa dessas pautas e suas vozes têm impulsionado debates importantes que visam a incorporação de suas demandas nas agendas públicas.

3 JUVENTUDES E RESISTÊNCIAS: ANÁLISE DOS/AS COLETIVOS/AS DE BELÉM-PA

Para Gohn (2010) os/as coletivos/as são percebidos como grupos dinâmicos, descentralizados e muitas vezes horizontais, na qual, geralmente, carecem de uma liderança centralizada, optando por uma abordagem em que todos os membros são vistos como líderes, em que criam e compartilham narrativas e imagens que frequentemente não fazem referência a períodos passados, como se não tivessem outras memórias incorporadas além de si próprios.

Dessa forma, suas abordagens são diversificadas, desde a simples denúncia de problemas até ações mais intensas, como protestos, manifestações, negociações e até mesmo formas de resistência civil não violenta, buscando influenciar mudanças sociais.

Nesse sentido, esses/a coletivos/a utilizam estratégias inovadoras e adaptáveis aos contextos contemporâneos, por exemplo, os meios digitais, como a internet, que desempenham um papel significativo, sendo amplamente utilizados para disseminar informações, mobilizar pessoas e amplificar suas vozes.

Sendo assim, o ambiente virtual proporcionado pela *Internet* desempenha um papel central nessas iniciativas coletivas, servindo como infraestrutura fundamental para formar agendas, alcançar consensos, mobilizar a população, convocar eventos, divulgar os resultados de atividades e planejar futuras ações. Tudo isso ocorre em um espaço onde a horizontalidade e a autonomia dos participantes são predominantes, permitindo que eles se envolvam de forma voluntária, contribuam com ideias, críticas, comentários e se expressem sem a necessidade de solicitar permissão para falar.

Portanto, segundo Gohn (2010) ao que se concede a participação instantânea de diversos protagonistas, surgem interações interpessoais e diálogos que têm o potencial de gerar novos conjuntos de ideias, novos direitos e propostas inovadoras. Esses processos podem ser adotados pela sociedade civil e política como novas agendas para institucionalização, resultando na criação de normas compartilhadas que se aplicam a todos. Esse aspecto tem um caráter educativo nas atividades coletivas e nos movimentos sociais. Dessa forma, uma cultura democrática é construída e fortalecida.

Destarte, a presença dos/a coletivos/a juvenis nas plataformas de mídia digital não apenas amplia sua capacidade de alcançar um público mais vasto e diversificado, mas também revela dinâmicas de luta de classes. Esses canais não são exclusivamente utilizados por indivíduos e grupos que buscam transformações sociais emancipatórias, mas também por aqueles que promovem e sustentam a ordem social capitalista, bem como visões machistas, racistas e conservadoras, muitas vezes associadas a extremistas. Na atualidade do acirramento das lutas de classes, a classe dominante composta pelos grupos extremistas, de direita e neoconservadores têm capturado instrumentos e canais de lutas históricas para reforçar os valores dominantes, por vezes, também, na tentativa de modificar os sentidos históricos das lutas sociais.

À vista disso, a partir de um levantamento realizado por pesquisadores e bolsistas da UFPA sobre 17 coletivos juvenis em Belém-PA, foi possível fazer uma análise das pautas centrais destes coletivos juvenis. Identificou-se, então, uma ampla variedade de temas que refletem as diversas demandas da juventude na sociedade contemporânea, especialmente através das mídias sociais, que se tornaram estratégias políticas essenciais para a mobilização desses grupos.

Faz-se importante ressaltar que estes/a coletivos/a juvenis demonstram uma consciência crítica e uma atuação proativa na transformação social, buscando não apenas demandas específicas, mas uma transformação estrutural que promova a emancipação humana. Através de suas ações, debates e manifestações, ampliam suas vozes e impactam significativamente os debates públicos e políticas sociais, reafirmando valores de igualdade, justiça, diversidade e sustentabilidade para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Observa-se, também, a presença de certos grupos em diferentes eixos temáticos, o que demonstra a multifacetada e interconectada natureza das lutas sociais contemporâneas que por vezes podem incorrer ao risco de fragmentação as lutas no horizonte emancipatório, sendo

uma lacuna para aferir determinados processos coletivos, na busca por mudanças sociais abrangentes.

A seguir será apresentado um quadro dos/as coletivos/as e os temas que por eles são abordados.

Quadro 1: Coletivos/as juvenis e estudantis os seus campos/pautas de atuação.

Coletivos/as juvenis e estudantis	Campos de atuação do coletivo (pautas/repertórios de ação política)
Juntos!	Anticapitalismo, antirracismo, feminismo e ecossocialismo.
Coletivo Negritude em Movimento	Antirracismo, trabalho.
União da Juventude Socialista (UJS)	Educação, trabalho, cultura, meio ambiente, antirracismo.
Coletivo Mães Universitárias Pela Permanência (CMUPP)	Feminismo, Visibilidade e assistência estudantil às mães universitárias.
Movimento de Mulheres Olga Benário	Feminismo e socialismo.
Coletivo Juventude Periférica	Racismo; gênero; LGBTQIA+; educação; transporte, meio ambiente.
União da Juventude Comunista (UJC)	Anticapitalismo, educação.
Movimento Popular da Juventude (MPJ)	Anticapitalismo, feminismo, antirracismo, LGBTQIA+.
Engajamundo	Socioambientalismo.
Movimento Enfrente	Feminismo, antirracismo e antiLGBTI+fóbica, educação.
Cojovem	Meio ambiente.
Coletivo Jovem Pará (CJ)	Meio ambiente.
Coletivo Xica	Anticissexismo, anti transfobia, antirracismo.
Coletivo Apenas	Meio ambiente.
Coletivo Juntas	Feminismo, antirracismo e anticapitalismo.
Jovens pela democracia	Antirracismo, comunismo, trabalho.
Olívia	LGBTQIAP+

Fonte: Autores (2024)

Logo, é possível analisar, a partir do Quadro 1 acima, que dentre os perfis do *Instragram* analisados, um dos principais focos de luta é a questão antirracista, abordada por nove desses/a coletivos/a, como **Juntos!**; **Coletivo Negritude em Movimento**; **União da Juventude Socialista**

(UJS); Coletivo Juventude Periférica; entre outros. Esses grupos buscam promover debates abertos sobre relações étnico-raciais e combater o racismo em todas as suas formas expressão.

Outro tema central é o feminismo, abordado por oito coletivos, como **Juntos!; Coletivo Mães Universitárias Pela Permanência (CMUPP); Movimento de Mulheres Olga Benário; Coletivo Juventude Periférica; Movimento Popular da Juventude (MPJ); Movimento Enfrente; Coletivo Xica; Coletivo Juntas.** Estes coletivos defendem a igualdade de gênero em todas as esferas, incluindo a luta contra a violência e o assédio às mulheres e revela que a distinção entre os gêneros é resultado de influências culturais na socialização de meninas e meninos, o que desmistifica a concepção de que a anatomia determina o destino de alguém com base no gênero. Portanto, isso enfatiza a necessidade de promover a desconstrução dessas ideias para, assim, ser possível a igualdade de gênero. **Juntos!; União da Juventude Socialista (UJS); Coletivo Juventude Periférica; Engajamundo; Cojovem; Coletivo Jovem Pará (CJ); Coletivo Apoenas** são coletivos/as que pautam o meio ambiente e estão ativos na defesa da sustentabilidade ambiental, visando construir ações educativas para a formação os sujeitos acerca dos impactos socioambientais sobretudo na Amazônia brasileira, incentivando o “desenvolvimento” Eco-sustentável da cidade.

Segundo Castells (2010), o movimento ambientalista emerge como um protagonista na contemporaneidade, porém, entende-se que este movimento e as concepções teóricas em torno dele, por vezes tem buscado uma terceira via, eliminando a luta anticapitalista.

Os/as coletivos/as juvenis destacam ainda, a importância da educação de qualidade, a valorização da diversidade cultural e o combate ao sucateamento e precarização da educação pública. Nestes, se concentram os coletivos estudantis históricos no âmbito da universidade e da educação básica pública, são eles: **União da Juventude Socialista (UJS); Coletivo Juventude Periférica, União da Juventude Comunista (UJC); Movimento Enfrente,** reivindicam investimentos na educação, o respeito à diversidade de saberes e a garantia de condições dignas para estudantes, além de lutarem pelo o acesso à cultura e às universidades aqueles que historicamente tiveram seus direitos de ingresso negados.

E, ainda, no âmbito do trabalho, os/as coletivos/as juvenis lutam pela garantia de condições dignas, respeito aos direitos básicos dos trabalhadores e segurança no ambiente de trabalho. Está presente nas pautas defendidas pelos/as coletivos/as **União da Juventude Socialista (UJS); Coletivo Negritude em Movimento; Jovens pela democracia** que denunciam a precarização, a exploração e as injustiças no mundo do trabalho, buscando formas de

organização e resistência para defender os direitos trabalhistas e a dignidade dos trabalhadores jovens.

É válido ressaltar que esses/as coletivos/as juvenis e estudantis possuem histórias de lutas moldadas por experiências individuais e grupais, que surgiram em contextos específicos como respostas às injustiças percebidas em suas comunidades e na sociedade em geral. Possuem uma longa história de militância e são formados por jovens ativistas, que muitas vezes trazem consigo experiências pessoais de discriminação, exclusão e injustiça.

Ademais, os/as coletivos/as estudantis estão inseridos em lutas sociais que vão além das questões tradicionalmente associadas à educação e ao trabalho, como a luta antirracista e antimachista, o que mostra um reconhecimento por suas partes de que as injustiças sociais não se limitam apenas ao ambiente educacional ou ao mercado de trabalho, mas estão interligadas a sistemas mais amplos de opressão e discriminação e, também, um entendimento de que a luta por uma educação de qualidade e por condições dignas de trabalho não pode ser dissociada da luta pela igualdade racial, de gênero e de outras formas de identidade e expressão.

Portanto, os/as coletivos/as juvenis e estudantis, ao abraçarem essas diversas pautas e temas, demonstram uma consciência crítica e uma atuação proativa na transformação da sociedade. Suas lutas não se limitam apenas a demandas específicas, mas buscam uma transformação estrutural que promova a emancipação humana em todos os aspectos. Ao trabalharem em conjunto e articularem suas ações nos espaços físicos e nas mídias digitais, esses coletivos ampliam suas vozes e conseguem impactar de forma significativa os debates públicos e as políticas sociais.

Suas principais ações são atividades e eventos para que possam disseminar informações, promover debates, rodas de conversa, formas de enfrentamento, manifestações e protestos pacíficos em defesa de seus direitos e por mudanças legislativas, além de criarem espaços seguros e inclusivos para que possam se apoiar mutuamente.

Assim, sua atuação representa não apenas uma resistência às opressões e injustiças, mas também uma afirmação dos valores de igualdade, justiça, diversidade e sustentabilidade, fundamentais para a construção da cidadania, e em específico dos segmentos juvenis, sendo o Estatuto da juventude uma porta em aberto, mas que em si não é suficiente para o atendimento das necessidades sociais das juventudes em torno de políticas públicas.

4 CONCLUSÃO

À luz do exposto, é evidente que as juventudes não apenas enfrentam desafios diversos, mas também são sujeitos sócio-políticos ativos na transformação social, que sofrem os impactos das transformações societais e contemporâneas instituídas pelas crises do sistema capitalista, provocando mudanças profundas, onde suas condições materiais e subjetivas de existência, que expressam desigualdades sociais que possuem no interior das relações sociais.

Dessa forma, as lutas sociais protagonizadas por esse segmento através da criação dos coletivos e iniciativas nas mídias digitais, refletem uma busca por transformação da sociedade e em sua condição juvenil. Os temas abordados, como antirracismo, feminismo, LGBTQIAP+, meio ambiente, educação, cultura e trabalho, demonstram uma consciência crítica e uma atuação ativa na construção dessa sociedade mais inclusiva e democrática.

Logo, a atuação desses jovens vai além de demandas específicas, buscam uma transformação estrutural que promova a emancipação humana em todos os aspectos. Suas vozes ampliadas pelos coletivos e mídias digitais impactam significativamente os debates públicos, nas diferentes esferas de participação política e social, e também, em políticas sociais como conquistas, reafirmando valores fundamentais para uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

Abramo, H.W.; BRANCO, P.P.M. (org). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

Abramo, Helena Wendel. **Cenas Juvenis Punks e darks no espetáculo urbano**. Página Aberta: São Paulo, 1994.

Castells, Manuel. **O poder da identidade**. v. 2. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Cavalcante, M. A. M., & Teixeira, S. M. (2023). **Juventudes e os retrocessos político-sociais da Nova Direita no Brasil**. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), 22(1), e43600. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2023.1.43600>. Acesso em: 26 de março de 2024.

Coimbra, K. E. R., & Moraes, M. D. C. de. (2020). **Coletivismo juvenil em Teresina: desenhando um panorama a partir das mídias sociais Instagram e Facebook**. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, 7(3, jul.-dez.), 161–195. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/simbitica.v7i3.33699>. Acesso em: 27 de março de 2024.

Esteves, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas.** In: ABRAMOVAY, Miriam et al. Juventude: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007.

Gohn, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

Gohn, Maria da Glória. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Gohn, Maria Glória. **Movimentos sociais e educação. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.**

Gramsci, A. **A questão meridional.** Trad. Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Gramsci, A. **Cadernos do cárcere.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002. v.

Novaes, R. R. (2002). **Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política.** In: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V.; SPÓSITO, M. P. (orgs.) Juventude em Debate. 2ª ed. São Paulo: Cortez. p.46-70.

Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.), **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004, 304 p.